Análise MENSAL

Macroeconomia

JUNHO DE 2018

1. INTRODUÇÃO

Os EUA vão à OMC contra as tarifas retaliatórias impostas por Europa e China, ou seja, a guerra comercial que estava se desenhando há meses começa a tomar forma, o que é péssimo para o comércio global.

A China parece ter saído na frente nesse cenário, pois já se uniu à União Europeia e Japão contra as medidas norte-americanas. A ideia americana é que a China, como economia menor e dependente, tivesse que, em algum momento, aceitar parte das demandas americanas para pôr fim a esse problema.

A Europa já está se preparando para a mudança da política econômica, que será mais detalhada a seguir. Com isso, há de se preparar para várias mudanças nos próximos meses.

Para o Brasil, já dá para avaliar uma parte dos efeitos da greve dos caminhoneiros, o que será apresentado mais adiante, mas já pode-se cravar que o PIB será reduzido por isso.

O dólar segue em um patamar bem elevado, o que ajuda na exportação de produtos primários. No longo prazo, essa vantagem se perde devido ao crescimento nos custos, sendo mais interessante ao produtor travar o valor do dólar no alto e o mesmo viesse a cair.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

Apesar da grande incerteza gerada pela disputa comercial entre Estados Unidos e vários países, o PIB americano segue sendo estimado em 2,9%. O resultado é muito bom para uma economia do tamanho da americana, ainda mais levando em consideração que o endividamento das famílias está muito baixo.

Apesar do medo de que a inflação norte-americana fique acima da meta, comparando-se dados com o ano de 2017 e dados anualizados mostram inflação de 2%, abaixo do centro de inflação que é 2,3%. Ainda de acordo com esses dados, a inflação está estável e não subindo.

Foram criados 177.000 novos postos de trabalho em junho nos EUA, o que pode impulsionar a demanda por produtos básicos do Brasil, para transformação, visto que as indústrias estão em crescimento acelerado por lá. O grande problema é que, mesmo com a crise comercial com a China, muito pouco do que os EUA comercializam com o país oriental pode ser suprido pelo Brasil.

A taxa de juros americana ainda tende a subir, mas não será agora. Foi anunciado que a taxa não subiria agora, o que reduz bastante a ideia de que haveria overshooting, que seria um aumento acima da taxa de longo-prazo, que está estimada em 3%.

A Europa está crescendo mais do que estimado no ano anterior, mas abaixo do que parecia que podia crescer nos últimos meses. Uma mudança importante nos próximos meses é o fim da compra de ativos, que será diminuído de 30 bilhões de euros para €15 bi em setembro e, após dezembro, acabar. Essa mudança deve causar um aumento nos juros europeus, o que deve forçar o aumento dos juros aqui. Com uma forte produção de cereais e grande consumo interno, o continente importa do Brasil minério de ferro, farelo de soja, café, soja e óleos brutos de petróleo.

A economia chinesa apresenta bons números, com crescimento em baixa, mas ainda assim em números expressivos e até pode-se dizer, mais sustentável. O grande problema é que com a guerra comercial com os EUA, ainda é muito difícil calcular os efeitos sobre o PIB chinês, muito dependente do comércio e dos EUA.

O crescimento no Japão se mantém estável e próximo ao crescimento potencial, de 0,9% e a inflação está bem baixa, o que deve gerar políticas expansionistas.

A Índia está com uma boa recuperação na demanda doméstica, devido ao aumento do crédito. Os juros subiram recentemente, pois a inflação no país está em 4,9% nos últimos 12 meses.

Incerteza é o que define o México: com a vitória de um candidato de esquerda. Ele deve fazer como o governo brasileiro propôs em 2003, mantendo o superávit e deixando a inflação sob controle, mas aumentando a influência do Estado na economia.

A Colômbia também deve passar por mudanças, pois o novo governo planeja simplificar impostos e uma lei de

Leandro Menegon Corder – Analista de Mercado **E-mail: leandro.corder@conab.gov.br** **Tel: (61) 3312-6251**

responsabilidade fiscal também deve estar por vir.

Já o petróleo segue disparado, atingindo patamares superiores a US$80 o barril, e isso deve gerar um aumento de produção nos países da OPEP no segundo semestre, para que a oferta seja estabilizada devido aos problemas de produção na Venezuela, principalmente, México e Angola.

As commodities agrícolas continuam em trajetória de alta. Segundo o Banco Central, através do IC-BR, as commodities agrícolas tiveram aumento de 2,51% em relação ao mês passado, com quase 13% de aumento no trimestre. O grande problema é que as commodities devem ser bastante afetadas pelas disputa comercial.

3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus do dia 6 de julho, o crescimento do PIB deve ficar em 1,53%, com os efeitos da greve dos caminhoneiros entrando no cálculo dele. A produção industrial recuou 10,9% em maio e o comércio tendo uma queda nas vendas pela primeira vez no ano.

O IBC-Br, que funciona como uma prévia do PIB, caiu 3,34% em maio, o que vai de encontro às informações do setor produtivo, pois a greve acabou afetando, além da inflação, também a confiança, pois houve muitas políticas contrárias ao ajuste fiscal.

Ainda segundo esse relatório, a inflação esperada para 2018 subiu, sendo prevista em 4,17%, pois o aumento do IPCA ficou em 1,27% em junho, sendo a maior alta no mês desde 1995, devido, principalmente, aos efeitos da greve dos caminhoneiros, que elevaram os preços de transporte e de alimentos.

O Banco Central manteve as taxas de juros em 6,5% ao ano após a última reunião do Copom, pois, segundo o presidente do BC, o dólar em alta não permitiu que os cortes na taxa de juros continuassem.

O desemprego de junho ficou em 13%, significando 13,2 milhões de desempregados. Apesar da melhora nos números, o crescimento ainda é muito tímido, especialmente pela queda no emprego ocorrido nos últimos anos.

A exportação voltou a se recuperar, ficando em 20 bilhões em junho. As importações de soja foram recorde no mês, pois houve muito produto que ficou na fila com a greve.

O dólar iniciou maio cotado a R$ 3,75 e fechou em quase R$ 3,86. A necessidade de financiamento do governo brasileiro somado aos aumentos de juros norte-americanos devem manter esse patamar em julho.

Com o provável anúncio de que os juros terão uma trégua e a contenda comercial internacional ainda em início, o dólar deve continuar nesse patamar no próximo mês e depois deve se reduzir lentamente, pois também se trata de um período eleitoral e cada nova pesquisa geral incertezas no mercado.

Esse dólar mais forte ajuda bastante ao agroexportador nacional, que mesmo com superprodução de soja, consegue preços mais altos devido a esse efeito.

Quantos aos efeitos da greve, além da do que foi visto sobre o PIB e sobre o IPCA, houve uma queda generalizada da confiança de um bom fim de governo, pois o presidente acabou tendo que abrir mão de muitas das ações que prometia para acabar com a greve.

Outros efeitos ocorreram, pois era esperado que houvesse a permissão para o leilão das distribuidoras de energia e a cessão onerosa do pré-sal, que agora dificilmente terá seus prazos respeitados. Mas isso pouco tem a ver com a greve, então por que estão sendo apresentadas aqui? Porque com a queda de confiança nas ações do Governo Federal, dificilmente os políticos arriscarão seu capital político em negociações complexas e que podem prejudicar a imagem deles junto ao eleitorado.

Sem apoio, não será possível fazer as políticas de contenção de gastos e, assim, reduz-se a confiança de consumidores e produtores, o que se consubstancia na previsão de um PIB menor.

O tabelamento de fretes, uma das medidas propostas pelo governo não saiu do papel. É esperado por alguns setores o encarecimento da produção e alguns produtores já indicam que podem aplicar menos fertilizante, que é majoritariamente importado e ficou parado nos portos.

Isso geraria a redução da produção e, com isso, a oferta de frete ficaria ainda menor, o que viria a prejudicar os próprios caminhoneiros.